
ἄρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

TRADUÇÃO

Palimpsesto Sin. ar. NF 66: Apresentação e Tradução

Palimpsest Sin. ar. NF 66: Presentation and Translation

Rafael César Pitt ⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-4045-6574>

rafaelpitt@gmail.com

ⁱ Universidade Federal do Amapá – Santana – AP – Brasil

PITT, R. C. (2025). Palimpsesto Sin. ar. NF 66: Apresentação e Tradução. *Archai* 35, e03519.

Resumo: O presente trabalho possui dois objetivos: apresentar uma fonte recente sobre o orfismo e traduzir o texto grego para a língua portuguesa. O *Palimpsesto Sin. ar. NF 66* mostra dois relatos míticos que envolvem o jovem deus Dioniso, a tentativa de retirá-lo do trono de Zeus, e um diálogo raro entre Afrodite e Perséfone. As condições

do documento original e as pistas em seu conteúdo sugerem origem antiga e relevância para o campo dos estudos órficos.

Palavras-chave: Palimpsesto, Orfismo, Dioniso.

Abstract: This work has two objectives: to present a recent source on Orphism and to translate the Greek text into Portuguese. The *Palimpsest Sin. ar. NF 66* shows two mythical narratives involving the young god Dionysus, the attempt to remove him from Zeus' throne, and a rare dialogue between Aphrodite and Persephone. The condition of the original document and clues in its content suggest ancient origins and relevance to the field of Orphic studies.

Keywords: Palimpsest, Orphism, Dionysus.

Apresentação

O palimpsesto sinaítico é um documento relativamente novo com primeira aparição pública em 2021. Desde então surgiram vários estudos sobre ele, seja interpretando-o (a maioria deles), apresentando-o, como fez Abrach (2024), seja reconstruindo-o parcialmente como fez Kayachev (2022). Alguns especialistas, no entanto, empreenderam a empresa completa, isto é, editaram o documento em sua integralidade, o que inclui a decisão sobre como juntar os fólios restaurados e traduzi-los. A seguir são listadas as principais edições do palimpsesto e suas características, com a indicação de qual delas foi escolhida para a presente tradução em língua portuguesa.

A primeira edição (*editio princeps*), de 2021, está a cargo de Giulia Rosseto. Nela estão descritas as condições materiais do documento, a história de seu achado e do processo de restauração, de suas características filológicas e da impactante hipótese de transmissão direta das *Rapsódias*.

A segunda vem assinada por Rossetto *et al.* (2022) com os resultados do primeiro *workshop*¹ internacional de especialistas a respeito do documento. Assim, a publicação traz não somente uma reunião de hipóteses complementares, como também uma nova organização dos versos e renovado esforço conjunto para preenchimento das lacunas. Esta versão é a edição com maior aceitação atualmente pela comunidade científica e base da presente tradução.

A terceira, também de 2022, é assinada por Giovan Battista D'Alessio, apresentando particular empresa na reorganização das imagens cedidas pelo *Projeto Palimpsestos do Sinai*. O comentário linha a linha do texto possui a qualidade de expor o leque de leituras possíveis de cada verso do palimpsesto - mesmo as hipóteses menos críveis - esboçar outras maneiras de arranjar os fragmentos.

A quarta versão do texto é a edição conjunta de Rossetto e D'Alessio preparada em julho de 2024 para o livro *Discovering Dionysos in the Hexameters of Sinai Palimpsest Ar NF 66: New Mysteries of the Ancient Orphica?*, a ser publicado em breve pela De Gruyter.

A quinta versão do texto foi publicada em abril de 2025 e vem assinada por Alberto Bernabé, que trabalhou a partir da quarta versão com acréscimos pessoais.² Eu a utilizo aqui para esta tradução ao português e dela reproduzo a correção ao texto grego e o uso de itálico para indicar as adições. Todavia, para não sobrecarregar a tradução, suprimi o aparato crítico com as variantes de leitura, assim como os paralelos do palimpsesto com outras fontes do orfismo. O

¹ O título do *workshop* foi “The Erased Greek Hexameters of Sin. ar. NF 66: Content and Context”, e ocorreu em 9 de setembro de 2021.

² Ela foi gentilmente cedida a mim por Marco Antonio Santamaría por *e-mail* semanas antes do lançamento, a quem sou especialmente grato pelo fraterno apoio e revisão deste artigo. Também sou grato a Vicente Azevedo de Arruda Sampaio por seus comentários filológicos certos. Qualquer erro ou imprecisão do texto grego e português deve ser creditado a mim.

leitor interessado neste conteúdo deve consultar o trabalho de Bernabé (2025).

História do palimpsesto

Há alguns anos o Monastério de Santa Catarina localizado no Monte Sinai, Egito, recebeu o projeto *Palimpsestos do Monte Sinai*.³ Uma das pesquisadoras, Giulia Rossetto, teve autorização do responsável pela Biblioteca do Monastério, Justin Sinaites, para publicar em 2021 duas folhas escritas de ambos os lados, totalizando quatro páginas. Este material, depois de estudado por ela, foi editado e resultou nos quatro fólhos e dois fragmentos reunidos sob o nome de *Palimpsesto sinaítico ar. NF 66*.

Distinguem-se dois textos sobrepostos no material original. O texto em primeiro plano está em árabe e copta. Ele conta trechos de *Vidas árabes* cuja redação remonta ao século X da EC. O texto em segundo plano contém linhas em aramaico cristão-palestino e grego. Esse “subtexto” foi a redação anterior do palimpsesto cujas letras foram lavadas e apagadas para a redação das *Vidas árabes* no século X. As linhas em aramaico foram identificadas como relatos do *Antigo Testamento* copiadas entre os séculos VII e VIII da EC. Parte das linhas em grego também foi identificado como sendo do mesmo período, porém, seu conteúdo é de natureza gramatical. Restaram, então, os fólhos e fragmentos cujas linhas em grego trazem um texto poético em versos hexâmetros até então inéditos para os pesquisadores modernos. Este é, propriamente, o palimpsesto sinaítico do qual tratamos aqui.

³ O Projeto *Palimpsestos do Sinai* é uma colaboração entre o Mosteiro de Santa Catarina do Sinai e a Biblioteca Eletrônica de Manuscritos Antigos, generosamente financiada pela Arcadia - uma fundação familiar de caridade - por um período de cinco anos. O site do projeto disponibiliza muitas informações acerca da iniciativa, inclusive imagens dos textos: <http://sinaipalimpsests.org/>. Acesso em 23/04/2025.

Resumo do palimpsesto

O fólio (a) traz a rememoração de Perséfone para Afrodite sobre a profecia feita por Noite a Zeus em uma caverna no Monte Ida, quando Dioniso atingiria a mocidade e teria um filho chamado de Hermes ctônico. Quando termina o discurso direto, Perséfone se levanta de seu trono, caminha até um ponto interno de sua residência, e traz Dioniso para Afrodite, depositando-o em seu colo. Dioniso aqui estaria próximo da adolescência.

O fólio (b) é a continuação do anterior. Enquanto segura o jovem em seu colo e o acaricia, o mima e o alimenta, Afrodite conta como esteve cuidando maternalmente dele em uma gruta quando ainda bebê; porém, por ocasião de uma rápida ida ao Olimpo, percebe a gruta vazia ao voltar. O bebê - que já deveria ter crescido e se tornado "menino imortal" - saiu sozinho e deixou a gruta em direção ao Hades, pois ali cumpriria a profecia de Noite. Afrodite, ao retornar do Olimpo, é tomada de pânico e parte em busca de Dioniso por todos os lugares possíveis e, não o encontrando, procura-o no mundo dos mortos.

O fólio (c) e (d) trazem conteúdos diferentes dos anteriores.⁴ Em (c) é descrito uma espécie de dança ritual em volta do trono de Zeus onde está sentado Dioniso, chamado de Vinho. Os integrantes do rito são devotos do deus (coribantes) e, inesperadamente, um deles (Acmón) posiciona-se diante do trono e ergue um machado disposto a golpear Dioniso. Outro participante, Cirbas, intervêm em defesa do deus, e um terceiro se apresenta para lutar. A cena é chocante e perigosa para o menino imortal sentado no trono. O ponto da discórdia é, exatamente, o direito ao assento real.

O fólio (d) descreve aquela que parece a continuação da tentativa de assassinato e destronamento de Dioniso. Agora são outros personagens que estão em volta do trono - os Gigantes - identificados

⁴ Nesta versão ao português optei por manter os fólios (a) e (b) antes dos dois seguintes, embora seja possível intercambiar esta ordem para a precedência de (c) e (d) sem prejuízo do conteúdo.

com os Titãs. Os Gigantes mudam a estratégia e passam a utilizar subterfúgios para atrair a criança para fora do trono, de presentes a palavras mentirosas, ao que são ignorados pelo pequeno. Em seguida oferecem para a criança coisas ainda mais maravilhosas como brinquedos e palavras gentis. O fólio termina sem uma conclusão da cena.

Interpretação do palimpsesto

A questão da antiguidade do texto grego é fundamental para a compreensão dos versos em hexâmetro. Rossetto (2021) identificou que os fólios são grandes, medindo 30 x 25 cm e contendo margem superior de 4 cm e laterais de 3 e 5 cm em branco. Tais características se repetem nas edições luxuosas dos séculos V e VI da EC, como o *Gênesis de Viena* e a *Ilíada Ambrosiana*. Cada fólio contém 30 linhas, sendo cada verso hexâmetro correspondente a uma linha. O autor do texto grego chega a reduzir o tamanho das últimas letras de cada linha para não ultrapassar este limite. As laterais em branco são reservadas para anotações dos estudiosos. Tais características físicas sugerem que o palimpsesto remonte no mínimo ao quinto ou sexto século da EC.

Em relação ao estilo das letras, o padrão dominante é o alexandrino maiúsculo, com inclinação constante em 75°, muito difundido nos círculos egípcios do quinto ao sétimo século. Isso delimita que o provável local de redação do palimpsesto tenha sido na Palestina, Síria ou, o que seria o mais provável, em Alexandria no Egito.

Todavia, a métrica dos versos gregos não é condizente com a métrica produzida após a reforma de Nono de Panópolis, o que indica que sua redação não pode ter sido posterior ao séc. V da EC. Ou seja, o códice e a edição luxuosa, da qual o palimpsesto é um resquício material em transmissão direta, foram montados e redigidos no séc. V ou VI, mas a origem dos versos grafados ali é mais antiga.

Quão antigo é o texto grego, afinal? Na *editio princeps* Rossetto levanta a hipótese de que o palimpsesto sinaítico seja o início do livro

23 de uma versão do perdido poema épico chamado *Hieros Logos em 24 Rapsódias*. Seus argumentos são vários e serão aqui sumarizados. Diz ela - e é possível de confirmar visualmente na fotografia do palimpsesto em seu artigo - que na margem superior do fólio número 2 existe a letra grega *psi* (Ψ). Essa letra, se lida como número, representa o valor 700, que é muito alto para ser de um capítulo, livro ou fólio. Porém, se lida pelo sistema de numeração alfabética que os filólogos alexandrinos utilizavam para marcar a *Ilíada* e a *Odisséia*, *psi* representa 23. Cito Rossetto (2021, p. 42):

A evidência papirológica mostra que o uso de títulos iniciais como este se tornou consistente na poesia hexâmetro desde o século III-IV EC, quando os livros em forma de códice ganharam popularidade.

Pela hipótese de Rossetto, as *Rapsódias* seriam a obra maior da qual uma parte (o livro 23) corresponderia ao palimpsesto sinaítico. Tal hipótese se apoia numa informação da *Suda* segundo a qual um homem chamado Teogneto, o Tessálio, teria reunido durante o período helenístico um conjunto de poemas antigos em 24 rapsódias. O local mais provável para tal trabalho seria, novamente, Alexandria. A viabilidade da hipótese de Rossetto depende de o quanto os poemas órficos eram conhecidos ou circulavam em Alexandria durante o período helenístico. Em relação a isso, Rossetto cita o trabalho de Herrero de Jáuregui (2010), que investigou a difusão do orfismo no período cristão, mais especificamente na antiguidade tardia. Para tal autor, a difusão do orfismo no Egito na provável época de reunião das rapsódias é atestada por um édito do soberano Ptolomeu IV Filópator, que assumiu o trono cerca de 224 aEC. Cito Rossetto (2021, p. 43):

O decreto de Filópator visava controlar as atividades dos sacerdotes itinerantes que celebravam ritos em honra de Dioniso e unificar a doutrina dos mistérios báquicos. Todos os sacerdotes deviam ser inscritos no registro oficial, declarar de quem receberam os instrumentos sagrados ($\tau\alpha\ \iota\epsilon\rho\acute{\alpha}$) até três gerações, e entregar os discursos sagrados ($\iota\epsilon\rho\acute{o}\iota\ \lambda\acute{o}\gamma\omicron\iota$), selados, escrevendo cada um o seu nome.

A reunião de tal material dificilmente teria passado despercebido aos estudiosos alexandrinos e, se colocarmos em contraste com o *Papiro de Gurob* - um inquestionável *hieros logos* - cuja datação precede em muito pouco o decreto de Ptolomeu, é plausível concluir com Rossetto que o palimpsesto sinaítico derive das *Rapsódias* e tenha sido composto no período helenístico tendo como base material mais antigo. Cito novamente Rossetto (2021, p. 44):

Após o período helenístico, não há mais provas de que os textos órficos - e em particular as *Rapsódias* - estivessem disponíveis no Egito até o século II-III EC, graças a uma fonte principal: o *Protréptico* de Clemente de Alexandria. No entanto, é apenas nos séculos V e VI, com os neoplatonistas - que também estavam ativos em Alexandria - que podemos obter uma maior quantidade de informação sobre as *Rapsódias*. Este é o mesmo período em que os fólios do Sinai foram copiados.

A hipótese de Rossetto, evidentemente, provocou vivo debate entre os especialistas, afinal, seria a primeira ocorrência de tradição direta das *Rapsódias*. Na edição coletiva de 2022, derivada do *workshop*, a hipótese de Rossetto recebeu máxima atenção dos colegas especialistas. Em relação à letra *psi* como marca do livro 23 trouxeram a seguinte questão: se o palimpsesto sinaítico corresponde ao penúltimo livro de uma coletânea tão extensa, por que acontecimentos referentes à juventude de Dioniso foram postos tão próximos do final da obra?

De acordo com Bernabé (Rosseto *et al.* 2022), tal posição dos versos não seria estranha. Na coletânea que organizou dos fragmentos órficos (*Orphicorum Fragmenta*, 2004-2005), Bernabé identificou que os fragmentos das rapsódias vão numerados de 90 a 359, sendo os eventos relativos a Dioniso listados entre 296 a 317, ou seja, próximos ao final. Além disso, se as *Rapsódias* possuíam 24 livros, os dois últimos poderiam dizer respeito à morte de Dioniso, à origem dos seres humanos e à doutrina da reencarnação e da salvação - temas preferidos dos neoplatonistas.

Para Agosti (Rosseto *et al.* 2022) os hexâmetros poderiam fazer parte de uma narrativa completamente diferente e conter uma seção relativa a Dioniso, pouco tendo a ver com as *Rapsódias*.

De consenso geral no grupo tem-se que o local de transcrição do códice seja a Alexandria do séc. V EC., onde teria sido manuseada por mãos neoplatônicas. O contexto histórico e geográfico seria corroborado pela prática comum, extensível também aos orficistas, de reescrever e retrabalhar material antigo. Lido por este ângulo, um dos especialistas do grupo, Magnelli (Rosseto *et al.* 2022) pontuou que os versos sinaíticos cometem uma série de violações métricas pelas leis helenísticas ou imperiais do hexâmetro. Tal estilo métrico joga a redação do texto para uma data não posterior ao século IV aEC, sendo essa a data mais antiga à qual, até o momento, pode-se retroceder a origem dos versos hexâmetros.

Outros estudiosos como Lefteratou e Edmonds propuseram que os hexâmetros poderiam fazer parte de uma antologia de peças diferentes, à maneira dos *Oráculos Sibílicos*. Para Edmonds (2022), a obra antiga à qual o palimpsesto se vincula com maior probabilidade não são as *Rapsódias*, mas os *Hinos Órficos*. Sua análise compara vários pontos nos quais o palimpsesto sinaítico reverbera os hinos como, por exemplo, a sobreposição de Dioniso e Adônis, o compartilhamento de características de um por outro - como o gênero fluído, mormente associado a Adônis, no palimpsesto atribuído a Dioniso - assim como a repetição de mitemas espalhados por várias fontes antigas (Afrodite como a deusa errante, a criança divina profetizada, o ritual em volta do trono).

Todos estes elementos, segundo Edmonds, lançam luz ao fato de que o palimpsesto provavelmente remonta a um cenário neoplatônico, mas que talvez seja preciso admitir que a poesia órfica era mais variada e multifacetada do que se pensava. Para ele, enquanto é temerário pensar que as *Rapsódias* contenham um arco narrativo unificado ao longo de todos os capítulos, os *Hinos* possuem uma série de contatos com temas do palimpsesto que soam familiares.

As novidades trazidas pelo palimpsesto sinaítico suscitam várias novas perguntas como, por exemplo, em relação a uma das cenas narradas, a saber, o trecho onde Afrodite descreve a busca por uma criança ao redor do mundo. Trata-se de versão inédita da cena, pois usualmente Afrodite é associada ao menino Adônis. No entanto, Dioniso é constantemente mencionado na cena. O que isso indica?

Para Bernabé (Rosseto *et al.* 2022), Afrodite está recordando de sua história com Adônis. Santamaría (Rosseto *et al.* 2022) entende que o mito de Adônis está sendo utilizado como modelo literário para a narrativa dionisiaca. Diferentes de ambos, D'Alessio (2024) desenvolve extensamente a hipótese de que Adônis foi tematicamente assimilado no período neoplatônico como uma das imagens (εἰδωλα) de Dioniso, estando ele intrinsecamente ligado aos cultos báquicos tardios.

Ainda sobre essa questão, o ponto que chama a atenção é Perséfone e Afrodite estarem frente a frente, pois esta é uma cena mitológica rara. A criança Dioniso/Adônis é procurada por Afrodite por todos os cantos do mundo, inclusive no mundo subterrâneo. Tal é a descrição do segundo fólio, onde Afrodite acaba por se encontrar com a rainha subterrânea. Para atender ao desejo de Afrodite, Perséfone se levanta do trono, vai até um espaço interno da Mansão dos Mortos e traz a criança belíssima, muito jovem, chorando com a força de um deus. A criança é Dioniso e entre os epítetos usados estão Bromio, termo mormente referido a Baco; Eirafiotas, tal como no Hino a Dioniso (*HH* 1, 2), e Ericipeu, como nas *Rapsódias* (*OF* 139). O jovem Dioniso é posto por Perséfone no colo, mais especificamente nos joelhos de Afrodite, uma imagem que lembra as representações das deusas curótrofas, isto é, cuidadoras das crianças. Os mimos e carinhos que Afrodite dispensa à criança denotam o contexto maternal. No final do fólio (b) Dioniso é chamado de 'touro nascido três vezes'. Tal tratamento se entende por várias passagens das *Rapsódias* (*OF* 283, 325, 328) onde Dioniso inicialmente nasce em Creta, filho de Zeus e Perséfone sendo, porém, despedaçado pelos Titãs. Os restos de Dioniso são sepultados, mas seu coração é salvo por Atena. Zeus, sendo pai, conserva este coração em gesso e o dá

para comer a Sêmele. Ela engravida de Dioniso, mas tem sua gestão interrompida ao morrer. Zeus o salva costurando-o à coxa e terminando a gestação. Dioniso, portanto, nasce três vezes de duas mães e um pai-mãe.

Considerações finais

Como se nota, a interpretação do palimpsesto é uma tarefa em construção. Os pontos de interseção com a tradição órfica são muitos, ora remetendo às *Rapsódias*, ora aos *Hinos Órficos*, ora ao que já se sabia sobre o orfismo em época imperial, ora à antiguidade grega. Os vários pontos obscuros levantados pelo documento vão aos poucos sendo esclarecidos. Por exemplo, no fólio (c), o conflito entre os coribantes Acmon, Cirbas e Proteus não faz sentido à primeira vista, uma vez que é suposto serem todos adoradores de Dioniso. Todavia, há fontes antigas que sugerem uma cisão entre os coribantes, entre os quais dois de seus membros compartilham da intenção de destronar Dioniso, como apresenta Santamaría (2025).

E com certeza a novidade simbólica seja a presença literal dos Gigantes (Γιγάντες) no verso 10 do fólio (d), em volta do trono de Dioniso. Dentro da narrativa hesiódica, os Titãs foram derrotados por Zeus e aprisionados no Tártaro. Dentro da narrativa órfica, os Gigantes ou Titãs são as personagens que buscam comandar o Olimpo destronando o sucessor de Zeus, Dioniso. Tal intento é corroborado pelo ciúme de Hera (citada no verso 15 do fólio d), pois Dioniso é filho de Zeus com Perséfone. O ato violento se cumpre com o despedaçamento de Dioniso, mas os Titãs são fulminados pelo raio de Zeus. Como resultado da cena nasce a humanidade, marcada por uma mescla da natureza dionisiaca com outra titânica.

O assassinato de Dioniso pelos Titãs é um dos relatos fundamentais da escatologia órfica, cujo propósito é de libertação da alma por purificação, isto é, de expurgação do elemento titânico que prende a alma aos ciclos de encarnação. Porém, até o palimpsesto sinaítico, não havia uma fonte atestando a presença dos Gigantes em volta do trono de Dioniso, isto é, na cena em que ocorre o ataque ao

deus. Os fragmentos órficos conhecidos até então permitiam induzir a presença dos Titãs próximos a Dioniso, mas nenhum tinha se conservado íntegro, e os críticos a tal leitura não hesitaram em acusar de “invenção” o mito fundador da escatologia órfica.

Assim, a novidade do palimpsesto sinaítico se transforma em um forte argumento a favor da leitura do orfismo como um movimento literário e religioso, cuja origem remonta por volta do séc. VI aEC, dotado de textos sagrados paralelos à religião oficial (hesiódica). E, ao longo do tempo em que se transformou de uma religião de mistérios a uma poesia hínica ritualística (do período arcaico ao helenismo tardio), o orfismo dialogou com o pitagorismo, os mistérios báquicos, a magia, e com formas de convívio social minoritárias do mundo antigo como sectários, ascetas, místicos e líderes cultistas. Além disso, o fato dos neoplatônicos terem se interessado por textos órficos, aponta como viram o orfismo como uma das fontes de seu patrono intelectual, Platão, e da importância deste movimento literário e religioso como uma das bases do que entendiam ser a verdadeira Filosofia.

O leitor brasileiro e lusófono tem em mãos um texto cativante cuja interpretação ainda está em construção, mas do qual a comunidade de estudiosos reconhece como inequívocos os sinais de sua importância para o campo dos estudos órficos.

Tradução

(a) f. 2r + frg. 7r + frg. 8v

Ψ

<“αὐτὰρ ἐπὶ λᾶχνη σκιᾶσιν γένυν [ἰ]μερόεσσιν

εὐνῇι . . . π.ε.ν[.]. κεν ἄμφω

τεκνώσαι . . [.] ακαιοιν . . [.] . . [. .] . ς

Ἑρμείην χθόνιον μάκαρες θεοὶ αἰὲν ἔοντες]

5

θητοῖ τ' ἄνθρωποι· τῷδε γὰρ π. [.] γέγον[το

ἐξ ἀρχῆς παρὰ πατρὸς ἐν ἀθανάτοισιν ἄνα]κτος

Νυκτὸς τ' ἀμ[βροσίης· τ]ά ρά οἱ . . . [. .] θεσπεσίη Νύξ
 Ζηνὶ κελαινεφ[εῖ Κρήτ]ηι ἐνὶ π[αιπαλο]έσσηι
 ἔχρησ' Ἰδαίοισιν ἐν[ήερο]ειδέσιν ἄν[τ]ροις.
 10

βουλάς ἀρχεγόνο[υς οὐ]δ' ἐπέκευθεν”.
 ὧς φάτο Φερσεφόνη καὶ ἀπὸ θρόνου ὦρτο φαεινοῦ,
 σεύατό τ' εἰς ἀδύτοιο μυχὸν κρυφίοιο μελ[ά]θρου οἰκίας
 ἐκ δ' εἶλεν Διόνυσον ἐρίβρομον Εἰραφιώτην,
 εἵκελον αὐγῆ[σι]ν Μηνὸς περιτελλομένοιο,
 15

εἵμασί τε στ[ίλβ]οντα καὶ ἱμερτοῖς στεφάνοισιν,
 παῖδ' ἐν χερσὶ[ν] ἔχουσα νέον περικαλλὲς ἄγαλμα,
 αἰνὸν καρποφόρων Χαρίτων ἅπο κάλλος ἔχ[οντα].
 καὶ ρ' ἐπὶ γο[ύ]νασι θῆκε φιλομμειδοῦς Ἀφροδίτης,
 καὶ μιν φωνήσ[ας] (α) 20

“ἀφρογενὲς Κυθέ[ρεια
 οὗτός τοι παῖς [
 τὸν δὲ φέρουσα [
 ”.
 ὧς φάτο Φερσεφόν[η
 ὡς ἴδε παῖδα . [
 25

καὶ ρά μιν [
 “ὦ Ζεῦ . . φω[

(a) f. 2r + frg. 7r + frg. 8v

Ψ

Canto xxiii

“Pois quando o buço sombrear sua face encantadora
 para a união [, até] que ambos

concebam um filho ... e o chamarão todos

Hermes ctônico: [os deuses] venturosos [sempre existentes] 5

e os homens mortais. Com efeito tais coisas foram reveladas...

desde o princípio por seu pai, o rei entre os imortais,

e por Noite imortal; coisas que, para ele [], a profética Noite

a Zeus de nuvens escuras, em Creta *escarpada*

vaticinou nas grutas *tenebrosas* de Ida.

10

(Seguindo) os desígnios primitivos e (não os) escondeu..."

Assim disse Perséfone e de seu trono reluzente levantou-se,

apressou-se para o mais recôndito cômodo de seu santuário, sua
oculta morada

e de lá trouxe Dioniso, o Eirafiot, de potente bramido

tal como o brilho da lua percorrendo o arco celeste 15

que por seus trajes e adornadas coroas reluzia.

E segurando em suas mãos o tenro jovem, lindo presente,

da tremenda beleza das frutíferas Graças dotado,

o pôs nos joelhos de Afrodite, a amante do sorriso.

E lhe [*disse aladas palavras*]:

20

"Citereia, nascida da espuma

este menino

levando-o... "

Assim disse Perséfone e se alegrou a soberana Cípria

tão logo viu o jovem

25

E Afrodite tomou a palavra e disse

"Zeus,..."

(b) f. 2v + frg. 7v + frg. 8r

ὄν ποτε κισσοφόρου Νύσης ἐνὶ δασκίῳ ἄντρῳ
 ἔτρεφον, ἀμβ[ροσί]οις δ' ἐπεκόσμεον εἵμασι καλοῖς
 νήπι . . . []θεν, ἀτὰρ μέγαν ὀππότε' Ὀλυμπον
 ἐξι[κ]όμην [] κατὰ πέτρινον ἄντρον
 τη[ν]ίκα δὲ [] ὧν Νύ[ση]ς ἔδ[ο]ς ἀβροκόμοιο
 5

ὥστε τις εὖπ[τε]ρος ὄρνις ἀγα[λλ]όμενος λίπες εὐνήν,
 πάμπαν ἄϊστος ἄπ[υσ]τος ἐμοὶ [] τ' ἔθηκας
 σῶι δὲ πόθῳ χ[θόνα] πᾶσαν [ἐπέδραμο]ν αἰθέρα θ' ἄγνόν
 πόντον τ' ἡδ[ὲ] Ἀχ[έροντος] ὑπὸ χ[θονὶ] χεῦμα κελαιόν,
 θυμὸν ἀκηχεμένη ρίπτῃ πυρὸς ἀλγινόεντος. 10

ἔτλην δ' εἰς Αἴδαο δόμους σκοτ[ί]ους καταβῆναι
 Ἥελιου προλιποῦσα φάος λαμπράν τε Σελήνην,
 οὐράνιον τε πόλον διὰ σὸν πόθον ἄμβροτε κοῦρε".
 ὧς φάτο Κύπρις ἄνασσα, φίλον δ' ἄ[μ]α πολ[λά]κι παῖδα
 ἀσπασίως ἀγάπαζε χέρας περὶ γυῖα [β]αλοῦσα,
 15

καὶ τρέφεν ἡδ' ἀτίταλλεν ἐν ἀγκα[λί]δεσσιν ἔχουσα.
 μίμνε δ' ἄρ εἰν Αἴδαο δόμοις ὑπὸ κεύθεσι γαίης
 ξ[ὺν τ]αύρῳ τριγόνῳ πολυωνύμῳ Ἑρικεπαίῳ
 Ἀμφι[ε]τ[ε]ῖ [] ἐξ [] . . . [] . . ν. ἴκηται

] Φερσεφονείης

20

] σι. εὐαῖα μητρὸς
 ἡε]ρρειδιέα χῶρον
] [. . .]ον ἄνθος
 -τ]ριχι λάχνηι

25

] βουλήν

] //ου/ / Διονύσῳ

(b) f. 2v + frg. 7v + frg. 8r

(…)

“outrora na sombria gruta de Nisa de muita hera
 criei, e adornei com belas vestes imortais
 ainda pequeno, a muito tempo, mas quando ao grande Olimpo
 me dirigi, *permaneceste sozinho* na rochosa gruta
e logo após teres abandonado a casa de Nisa de abundante folhagem

5

como um pássaro de asas em riste, orgulhoso, saíste do ninho,
 sem ser visto ou notado por ninguém, me fizeste *sufrer*.

Por causa do desejo a ti vaguei por toda a terra e puro éter
 e mar e pela tenebrosa correnteza do Aqueronte abaixo do chão,
 com o coração aflito pelo assalto de desoladora ardência 10
 e ousei descer até a mansão sombria do Hades
 após dar as costas para a luz do sol, a fulgente lua
 e a cúpula celeste, por causa do desejo a ti, menino imortal.”

Assim disse a soberana Cípris enquanto repetidamente ao amado
 menino

carinhosamente acariciava, passando suas mãos em volta de seus
 membros, 15

o alimentava e o mimava, porquanto nos braços o segurava.

Mantinha-se, portanto, na casa de Hades, debaixo das cavidades da
 terra,

com o touro nascido três vezes, de muitos nomes, Ericipeu
 a quem honram anualmente ... chegue

de Perséfone

20

... para a bem ventilada ... da mãe
 pela *tenebrosa* região
 ... a flor
 o belo buço
 propósito

25

a Dioniso

(c) f. 6 r

. . . .]γους κρύβδην ἔχον· εὖχο[. . .] . περ[
 τὸν δὲ καλύψαντες νυμφῆϊον ὕμνον ᾗειδον
 κύκλωι δ' ἀμφὶ θρόνον π . [. . . .]πάντες[ἐδίνευν
 ἥχι περ Οἶνος ἐφῆστο τετιμ[ένος] ἐκ Διὸς αἴσης.
 ἀλλ' ὅτε δὴ τά γε πάντα διαμπερέως ἐτέλεσσαν,
 5
 ἄψ δ' ἀπὸ πάντες ἔλонт' ὄσων κεφαλῆς τε κάλυμμα.
 καὶ τότε δὴ τομὸν εἴλ[εν] ἐὼν πέλεκυν τολυπεύων
 Ἄκμων, παιδὶ δ' ἔναντα κατεστάθη, εἴλε δὲ θάμβος
 ἀθανάτους, ὥς εἶδ[ο]ν ἀνώϊστ' ἔργα τελοῦντα.
 αὐτὰρ ἔπειτ' ἐς κρᾶτα θενεῖν μέσον ἤθελεν Οἴνου 10
 πάντα φόβον προΐεις, εἴ[τι] πως προλίποι Διὸς ἔδρη[ν,
 Κύρβας τ' ἀντήμυνεν, ἐγείνετο δ' ἔργ' ὑπέροπ[λα·
 Πρωτεὺς δ' εἰσήϊξ' ἄρπην μετὰ χερσὶ τιτ[αίνων,
 φάσγανα δ' ἄλλοθεν ἄλλος ἔχεν· περὶ δ[
 ὥς δ' οὐδ' ὥς ἀπέλειπε Διὸς [θρόνον
 15
 κισσο[ῦ] δ' εὐπλέκτοιο [

γυμνοῦντες κεφα[λ
καὶ τότε δὴ Πρωτεὺς
ἐν δεπ[

(c) f. 6r

terríveis... escondido as mantiveram enquanto oravam...

Depois de cobri-lo, cantavam um hino de núpcias
e em círculo *se posicionaram* ao redor do trono,
aquele no qual Vinho estava sentado, honorável por autoridade de
Zeus.

E tão logo tudo se completou, 5
retiraram de seus olhos e cabeça o véu.

Foi então que empunhou seu afiado machado, brandindo-o,
Acmón, posicionando-se de frente ao menino e o espanto tomou
conta

dos imortais, quando viram as impensadas ações que ocorriam.

Em seguida no meio da cabeça de Vinho queria golpear
10

todo seu medo de lado, caso saísse do assento de Zeus.

Mas Cirbas o confrontou, e se deram ações desrespeitosas,
quando Proteus se apresentou, com uma foice na mão brandindo
e as espadas eles tinham um de um lado, um de outro, próximo a
Vinho

Mas como nem assim deixava *Vinho o trono* de Zeus 15
de hera entrelaçada ...

descobrimo-se a cabeça ...

e então Proteus

e em ...

(d) f. 6 v

..[. . . .]μιγγατοῖς, μετὰ δ' ἐτράπετ' αὐτίκ[. . .]ν
 ἐκ θ[ρ]όνου ἀν[σ]τῆναι, πατὴρ δ' ἐφράσσατο βουλά[ς,
 ἃς οἱ] τὸ πρῶτ[ον δι]επέφραδε μητίετα Ζεὺς,
 ὁππότ' ἀπ' Ὠκεαν[οῖο] ῥοῆς εἰς οὐρανὸν ἦγεν.
 ὧς δ' οὐ πεῖθον παῖδα Διὸς καὶ Φερσεφονείης
 5

δώροις παντοίοις, ὅποσα τρέφει ἐν[ρ]εῖα χθών,
 οὐδ' ἀπάτης δολίησι παρ[α]φασίησί τε μύθων
 ἐκ θρόνου ἀνστῆναι βασιλῆϊου, αὐτίκ' ἄρ οἱ γε
 κόσμησαν κεφαλὴν στεφάνοις ἀνθῶν ἐροέντων
 παιδὸς Ζηνὸς ἄνακτος ἐριγδούποιο Γιγάντες,
 10

κύκλῳ δ' ἐστιχόωντο παρ[α]φασίησί τε μύθων
 με[λ]ιχίης καὶ πᾶσιν ἀθύρμασι νηπιάχοισι
 δώροισί[ν] τ' ἀγανοῖσι παραιπιθέμεν μεμαῶτες.

]οῖσιν Ἀμαλκείδης ἐγεγώνει

]προμολὼν λευκωλένῳ Ἥρῃ

15

]υ. θρόνου ἐξανέγειρ[ε

ἐνὶ]φρεσὶ πευκαλίμησι

]μάτοιο γένοιτο.

(d) f. 6 v

entre eles (?), mas de súbito virou-se para o outro lado desistindo
 de se levantar do trono, e de seu pai ponderou os planos,
 aqueles que lhe foram dados no princípio pelo prudente Zeus
 quando da torrente de Oceano ao céu o levou.

Porém como fracassavam em convencer ao filho de Zeus e Perséfone
 5
 com presentes de todos os tipos, tantos quantos brotam da vasta terra,
 nem com artimanhas mentirosas nem com discursos convincentes
 para que saísse do trono real, em seguida
 enfeitaram com coroas de flores encantadoras a cabeça
 do filho de Zeus, o soberano de abrupto trovejar; os Gigantes 10
 em volta dele marchavam e com a sedução das palavras
 doces como o mel e com todos os brinquedos infantis
 e mimos agradáveis, ávidos para convencê-lo,
de repente, entre os primeiros/eles Amalcides vociferou
 ? saindo ... para a de níveos braços, Hera, 15
 do trono *precioso/alto / de seu pai* se ergueu
 com afiado entendimento
sobre a força do fogo tenaz acabaria.

Disponibilidade de Dados

Não aplicável.

Bibliografia

- ABRACH, L. (2024). “La tradición órfica y su suerte: introducción al Palimpsesto de Sinaí Ar. NF 66”, *Circe, de clásicos y modernos* 28/1, p. 107-122.
- ABRACH, L., EDMONDS III, R. G., MORAND, A-F. (eds.), *Discovering Dionysos in the Hexameters of Sinai Palimpsest Ar NF 66: New Mysteries of the Ancient Orphica?* De Gruyter (no prelo).

BERNABÉ, A. (ed.) (2004-2005). *Poetae Epici Graeci: Testimonia et Fragmenta. Pars II, Fasc. 1 e 2. Orphicorum et Orphicis similium testimonia et fragmenta*. Alemanha: De Gruyter.

BERNABÉ, A. (ed.) (2007). *Poetae Epici Graeci: Testimonia et Fragmenta. Pars II, Fasc. 3. Musaeus - Linus - Epimenides - Papyrus Derveni - Indices*. Alemanha: De Gruyter.

BERNABÉ, A. (2012). *Hieros Logos: poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além*. Tradução de Rachel Gazolla. São Paulo: Paulus.

BERNABÉ, A. (2025). “Palimpsesto Sinaítico ar. NF 66”, in: *Poemas de Orfeo: Fragmentos órficos sobre teogonías y sobre el alma*. Edición, Traducción y Comentarios de Alberto Bernabé. Madrid: Editorial Abada, p. 212-221.

CABRAL, L. A. M. (2009). *Homero. Hinos Homéricos: Hino I e do VI ao XXXIII*. (Introdução, tradução, estudos e notas). São Paulo: Odysseus Editora.

D’ALESSIO, G. B. (2022). “On the new fragments of the Orphic Rhapsodies”, *ZPE* 222, p. 17-36.

D’ALESSIO, G. B. (2024). “Dionysos and Adonis: a Contribution to the Study of the *Orphic Rhapsodies*”, *The Cambridge Classical Journal* 70, p. 122-143.

EDMONDS III, R. G. (2022). “The many faces of Dionysus in the hexameters of the Sinai Palimpsest (Sin. ar. NF 66)”, *The Classical Quarterly* 72.2, p. 532-540.

KAYACHEV, B. (2022). “The new Orphic fragments from Mount Sinai: a rereading”, *Archiv für Papyrusforschung* 68, p. 8-22.

ROSSETTO, G. (2021). “Fragments from the Orphic Rhapsodies? Hitherto Unknown Hexameters in the Palimpsest Sin. ar. NF 66”, *ZPE* 219, 34-60.

ROSSETTO, G. et al. (2022). “A Revised Text of the Poem with orphic content in the Palimpsest Sin. ar. NF 66”, *ZPE* 222, p. 9-16.

SANTAMARÍA, M. A. (2025). “The treason of the Corybants in the new fragments of the Orphic *Rhapsodies* in a Sinai Palimpsest”, in: *Homenaje a Julián Méndez Dosuna*. ALONSO, A., NIETO, E., PARDAL, A., VIVES, A. (eds.). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 559-573.

Editora: Beatriz de Paoli

Submetido em 20/01/2025 e aprovado para publicação em 15/06/2025



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.
